1.000Rs

VIOLA DANA

A SCENA MUDA

A SCENA MUDA

SUMMARIO DO N.° 244 — 36.° DO ANNO V

26 de Novembro de 1925

V.a Ex.a póde distrahir-se pintando!

Nós lhe ensinamos gratuitamente por correspondencia.

Systema pratico, garantido.

Podeis pintar a vossa toalha de meza com as tintas "Radium". Unicas lavaveis garantidas.
ESTOJO COM 14 CORES 35$ — PELO CORREIO MAIS 4$500.

Acabamos de receber estojos e todos os preparos para a pintura "Batik" que tanto successo vem fazendo em Paris.
ESTOJO 40$ E 50$ — PELO CORREIO MAIS 4$500

Temos em stock os seguintes estojos:
Pintura a oleo 35$, 50$, 60$, 75$, 90$, 100$, 120$, 150$, 250$.
Aquarella em tubos 35$, 50$, 60$, 75$, 90$, 100$, 120$.
Aquarella em tablettes e tubos pequenos 7$, 9$, 11$, 13, 16$, 20$, 30$.
Pyrogravura 80$, 100$, 120$, 150$, 180$, 200$.
Estanho 60$, 80$, 100$, 120$, 150$.
Couro 60$, 80$, 100$, 120$, 150$.
Cloisoné 55$.
Judaica 35$.
Silhueta sobre vidro 45$, 65$.
Silhueta sobre velludo 35$.
Pastel 15$, 18$, 25$, 30$, 45$, 55$, 80$, 100$, 120$, 150$.
Photominiatura 80$ 100$ 120$.
Pastinello 40$ 50$.

PELO CORREIO MAIS 5$000

Qualquer pessôa que adquira estes estojos receberá gratuitamente uma demonstração pratica em portuguez.

BARBOZA, FREITAS & C.

Avenida Rio Branco 136

A SCENA MUDA

REVISTA DA SEMANA

ASSIGNATURAS

Um anno.............. 50$000
Seis mezes............ 26$000
Estrangeiro........... 65$000
Numero avulso........ 1$200
Numero atrazado...... 1$500

EU SEI TUDO

MAGAZINE MENSAL

ALMANACH EU SEI TUDO

ASSIGNATURAS

Um anno (série de 52 numeros) 48$000
Um semestre (26 numeros). 25$000
Estrangeiro.... 60$000
Numero avulso 1$000
Num. atrazado 1$500

EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

SOCIEDADE ANONYMA

Praça Olavo Bilac 12 e Rua Buenos Aires 103

ENDEREÇO TELEGRAPHICO REVISTA

Telephone: Directoria, Norte 112 — Redacção e Administração, Norte 3660

Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO, DIRECTOR-GERENTE

N. 244 — 36.° DO 5.° ANNO | RIO DE JANEIRO, 26 DE NOVEMBRO DE 1925

AS LAGRIMAS NA ARTE DO SILENCIO

Uma revista norte-americana, desejando saber como é que as artistas do cinema conseguem chorar quando é preciso, obteve algumas divertidas explicações a este respeito.

Pola Negri chora como uma fonte apenas ouve a orchestra tocar certa polka polaca intitulada "O ultimo suspiro" que lhe aviva tristes recordações. Uma melodia de Schubert produz o mesmo effeito nos olhos da Conrad Nagel.

Menos emotiva é a artista norueguesa Greta Nissen, que conserva dos climas frios, onde viveu, um certo stoicismo. Não se lembrava de ter chorado em sua vida. Um dia, em que não conseguia exteriorisar a dôr que devia mostrar deante do apparelho photographico, seu ensaiador, Howard Jiggen, que é tambem um delicado escriptor fêl-a sentar ao pé de si. Depois, com as luzes meio apagadas e a orchestra tocando uma triste romanza de Grieg, começou a contar-lhe a historia dolorosa de um amor desgraçado. Presa ella propria pela emoção, sua voz quebrava-se por instantes e as lagrymas humedeciam lhe os olhos. Bem depressa, por sua vez, Greta Nissen chorava em torrentes.

E poude-se então ver este espectaculo pouco banal em "studios": uma actriz desolada dirigida por um ensaiador soluçante.

A First National terminou os seguintes films:

Shou Leane, com Richard Barthelmess e Dorothy MacKail.

— *A rapariga da rua*, com Doris Kenyon, Lloyd Hugues e Hobart Bosworth.

Graustank, com Norma Talmadge e Eugene O' Brien.

O Knock-Out com Milton Sills e Loma Duveen.

— Niles Welsh e Madge Kennedy são os astros do novo film da Whitiman Bennet Corporation.

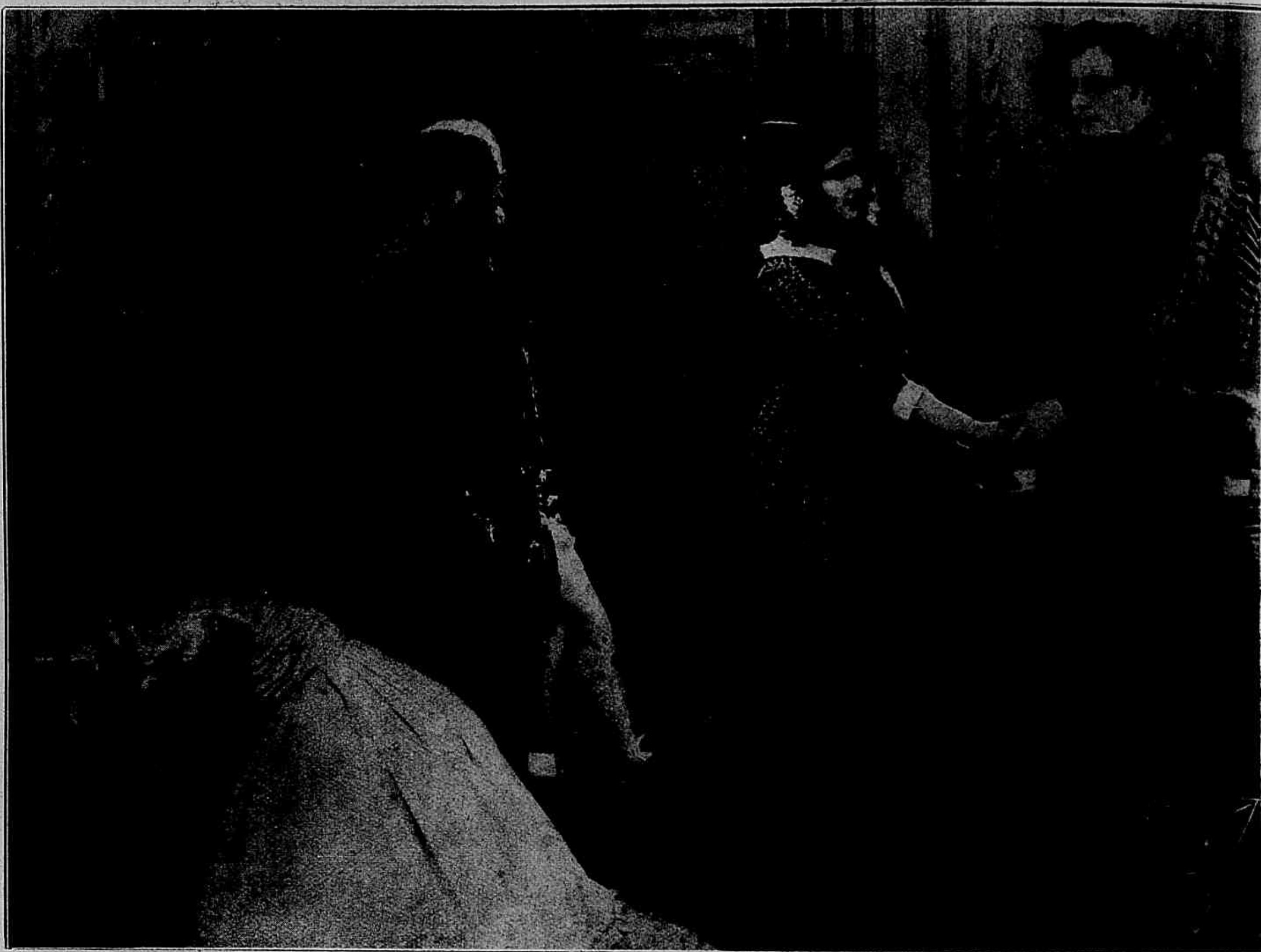
— Hoot Gibson nasceu no Nebraska e é casado com Helen Johnson.

— Dorothy Gish tem 27 annos e Lilian Gish 29.

— Wanda Hawley desanimando de voltar a ser estrella acceitou contracto para trabalhar nas comedias de Christie.

(Continúa no proximo numero).

MISS BILLIE DOVE, da *Paramount*.

Este numero consta de 36 paginas.

O innocentinho foi entregue a sua verdadeira mãi e os enamorados puderam ser felizes.

: : AMOR SALVADOR : :

OU

O TRAPEIRO DE PARIS

Romance de *Felix Pyat*, cinematographado pela "Albratos Film" tendo como principaes interpretes os Srs. KOLINE, MAUPRÉ e Mlle. DARLY.

NAQUELLA hora em que as ruas e os caes de Paris, estavam desertos, tio João, conhecido trapeiro de Paris, fôra surprehendido pelos gritos de alguem, que pedia soccorro. Seguindo a direcção do grito, deparou com uma scena de impressionar: Pedro Carousse, trapeiro tambem, lutava com outro homem desesperadamente.

Mas, ao avistar tio João, fugiu tendo-lhe antes desfechado um golpe, que o deixou atordoado. Voltando a si, verificou tio João que o desconhecido ainda não tinha morrido. Tentou reanimal-o, mas era tarde, apenas poude ouvir suas ultimas palavras, rogando-lhe que tomasse conta de sua filhinha, dando-lhe para isso seu endereço.

A alma bondosa do trapeiro, commoveu-se ante essa supplica, e, desde então, elle adoptou a pequenina Maria Didier.

São passados 20 annos apoz esses acontecimentos.

Maria tornou-se uma galante moça e vive honestamente do officio de costureira.

Entretanto chegára a epocha do Carnaval. Ha grande algazarra nas ruas e todos se divertem.

De repente, o modesto quarto de Maria é invadido por uma chusma de creaturas alegres e fantaziadas, que insistem para que a jovem tome parte no delirio, indo tambem ao baile da "Casa Dourada". Maria não tem para isso um trajo decente, mas naquelle atordoamento, uma ideia lhe acode: veste um lindo vestido, que acabára de confeccionar, de uma de suas freguezas.

E, radiante de formosura, dirige-se para o baile.

Na "Casa Dourada", a alegria é immensa e a belleza de Maria chamou a attenção do garboso militar: Henrique Darville.

Emquanto esses acontecimentos se desenrolavam, um quadro triste tinha logar em casa do opulento barão de Hoffmann. Este, no auge da colera, arrancava dos braços de sua filha Clara, uma innocente creança, fructo peccaminoso, de seu amor com o conde de Frainlair.

Impiedosamente, o barão entrega a creança a Mme. Pitard, afim de fazel-a desapparecer, mediante a quantia de 10.000 francos.

Mme. Pitard que exercia a dupla funcção de porteira e parteira eventual, era uma creatura sem escrupulos, prompta sempre a fazer qualquer acção duvidosa, contanto que fosse bem paga.

Para se desempenhar de sua torpe missão, foi á casa de Maria Didier e escondeu em seu quarto a infeliz creança.

No emtanto terminára o baile da "Casa Dourada" e voltando para casa, verificou a pobre joven que o vestido se tinha rasgado.

Que fazer nessa situação embaraçosa? Não tinha dinheiro para pagar outro egual e não sabendo fugir áquella vergonha acudiu-lhe a ideia de um suicidio. Pondo-a immediatamente em pratica essa decisão Maria ateou fogo a seu modesto aposento.

Já estava prestes a ser attingida pelas chammas, quando um choro de creança chamou sua attenção e Maria descobriu habilmente escondido alli um lindo bebé. A vista d'isso ella entendeu que não podia mais morrer. Era mister salvar a creança.

n E, assim por amor d'esse inseocentinho, que lhe apparecia m que ella soubesse como, Maria salvou-se. E, sempre bom, tio João adoptou tambem paternalmente, a creancinha.

Entretanto Mme. Pitard, tendo perdido a carteira, que continha os 10.000 francos, ficou como uma louca e poz um annuncio no jornal, pedindo que quem a achasse fosse leval-a a sua residencia. A quantia fôra encontrada por tio João que se promptificou á restituil-a a sua dona; mas levado por um presentimento exigiu da velha, que lhe dissesse a procedencia d'esse dinheiro, do contrario elle o queimaria. Depois de muita relutancia, Mme. Pitard confessou toda a verdade, ficando tio João sabendo de que a creança encontrada no quarto de Maria era filha de Clara, a filha do barão de Hoffmann.

Quanto a Henrique Darville, não cessava de pensar na linda costureirinha. Note-se que elle estava compromettido com Clara, embora esta não o amasse, mas o barão queria por força que esse casamento se realisasse.

Henrique por sua vez não a amava e por mais que fizesse ver ao barão, que sua filha amava o conde de Frainlair, elle não desistia de seu intento. Acontece, porem que o barão soube do amor de Henrique por Maria Didier e, julgando ser esse o motivo que o impedia de se consorciar com Clara, imaginou

Foi nessa reunião festiva que elles se viram pela primeira vez.

Diante de toda a assistencia elegante, o trapeiro denunciou os crimes do falso titular.

Ameaçando lançar o dinheiro ao fogo, o tripeiro conseguiu que a miseravel mulher tudo confessasse.

desde logo uma infamia. Mais uma vez recorre a Mme. Pitard, afim de que esta procure macular a costureira, dizendo ser a creança filho d'ella. Se bem disse o barão, melhor ella fez, pois teve a audacia de dizer abertamente a Henrique que, Maria tinha um filho. E' facil imaginar a decepção do rapaz ante essa denuncia. Entretanto fôra mais longe ainda a perversidade de Mme. Pitard: rouba a creança e faz crer a todos, que a propria mãi a assassinára. A suspeita de um infanticidio foi acceita por todos e as más linguas não se cançaram de commentar o crime de Maria.

A tal ponto cresceu a grita popular que a policia mandou prender Maria, apezar de suas juras de innocencia.

O Tio João porem não se conforma com isso. Foi á casa do barão pedir misericordia por sua

(*Continúa na pag. 34*).

Porque os homens se aborrecem de casa

Film da *First National*, com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

John Emerson — Lewis Stone
Helene Emerson — Helene Chadwick
A secretaria — Alma Bennett
A avósinha — Mary Carr
Uma amiga — Hedda Hopper

* * *

Uma pessôa põe-se a correr o mais que pode para alcançar o bond; uma vez no carro começa a maldizer o cansaço. Assim é o homem que se casa — emquanto solteiro côrre o mais possivel atraz do casamento; depois de dado o tremendo nó começa a amarrar o passo, a lamentar-se da fadiga. Mas assim mesmo nos primeiros tempos passa admiravelmente bem; o cansaço só se manifesta mais tarde. Um ou dois annos, depois é que principia a tomar corpo os pequenos aborrecimentos, as ligeiras irritações. O que dantes não tinha a menor importancia, não era percebido, agora já constitue motivo para zanga.

John Emerson, era um riço de meia edade mas ainda em pleno vigôr. Toda a sua existencia passára consagrada aos negocios. Não que fosse um homem d'esses que só veem negocios e nada mais; mas porque, sendo um homem serio e trabalhador, afeiçoára-se ao trabalho, que mais fazer? Distracções elle as encontraria com facilidade. Sua natureza vigorosa e sadia só almejava relações firmes.

Comtudo, no meio de tanta

— Até as faceirices de Helena lhe pareciam encantadoras.

— Não... não te incommodes... Eu vou buscar o teu café.

paz de espirito, de quando em vez elle se sentia só, de modo que sua existencia lhe produzia a sensação do incompleto, do imperfeito, e essa impressão se foi tornando cada vez mais imperiosa. Por isso um bello dia elle despertou satisfeito; tinha afinal a seu lado uma jovem esposa, o digno objecto dos seus cuidados, o objectivo final e encantador da sua vida.

Helene, agora a Sra. Emerson, era uma creatura adoravel, linda, moça, elegante e carinhosa. A felicidade de John era completa, muitas vezes superior a tudo quanto elle sonhára. Elle era todo desvellos. Fazia questão de levar o café da manhã á esposa, não consentia que ella se levantasse cêdo, não tolerava que fizesse o menor esforço fatigante.

Helene, de tão venturosa, nem chegava a sentir toda a felicidade que a cercava — só uma certeza ella adquirira, a de que era a mulher mais ditosa do mundo.

(Continúa na pag. 34).

A bôa avosinha enferma era o seu anjo tutellar.

Ouro falso e ouro de lei

Drama de aventuras, da *Film Booking Offices*, tendo como principaes interpretes, HARRY CAREY, MARGARET LANDES e HEDDA NOVA.

***

Neil Allison vivia no Oeste, entre os exploradores do ouro — e era tido como uma pessôa das mais honestas do logar. Mas, um dia, tendo outro explorador — Jim Starke — pedido que elle fosse examinar um filão descoberto em uma nova mina, Neil deu a amostra colhida como metal do mais puro.

Tinha havido, porem, no caso uma patifaria de Jim. Elle trocára a amostra colhida por algumas pedras de ouro bom. O resultado disso foi que Jim conseguiu vender a mina, mas, descoberto, o embuste, pois que aquelle terreno não continha ouro, accusaram Neil de tratantada.

Para rehabilitar-se do conceito que d'elle faziam, Neil foi procurar Jim, com o fito de obter d'elle as explicações necessarias ao caso; não as conseguindo, brigou com o rapaz e dahi a pouco, viu com espanto, que elle exhalava o ultimo suspiro.

Sentindo-se perdido, Neil fugiu para as montanhas — e che-

(Continúa na pag. 34)

Ao lado: Neil não teve outro remedio senão se deter.

A filha do medico sympathisára com elle.

O poder do amor

Film da First National com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

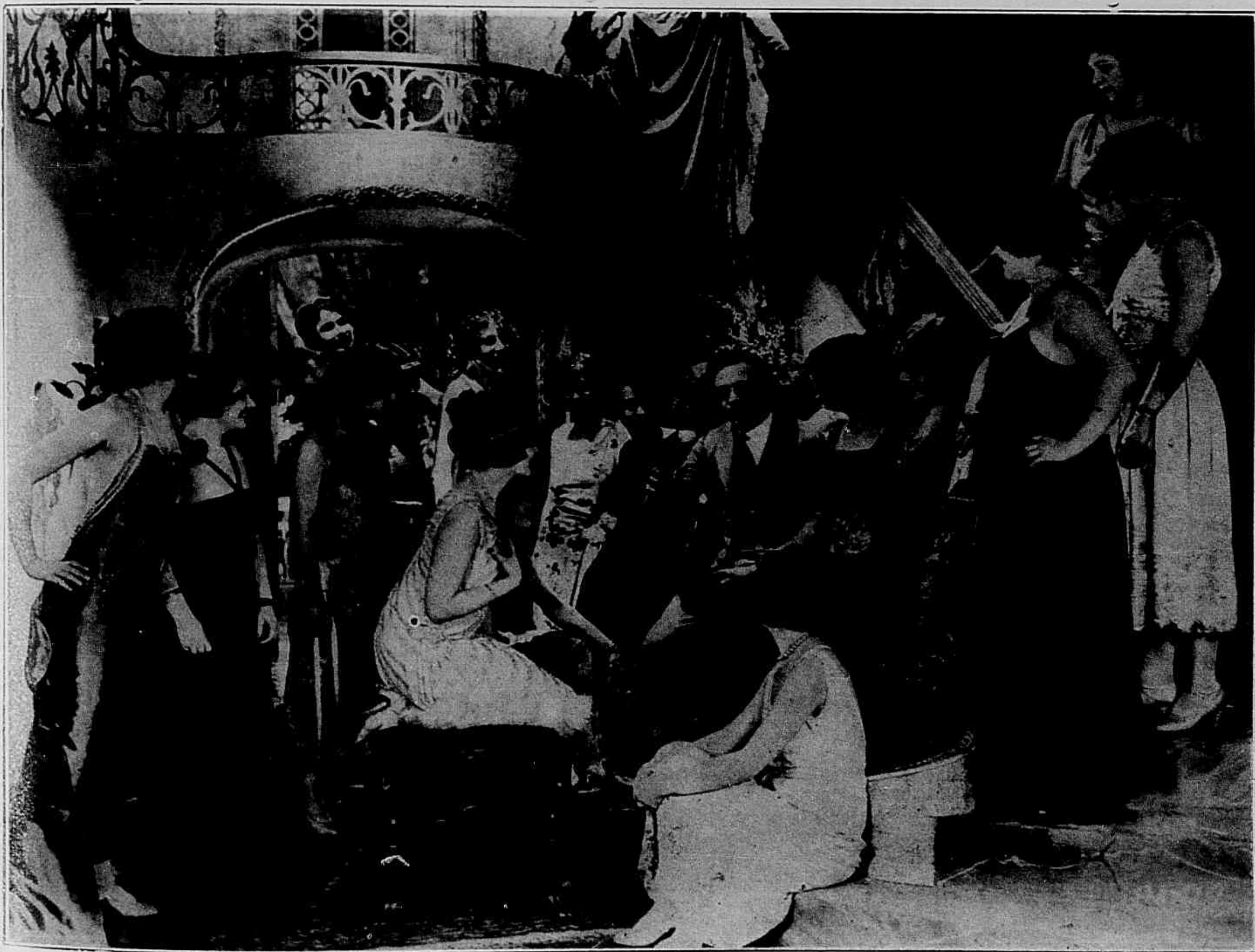
Vida — Doris Kenyon
Gilly Eyre — Milton Sills
Lael Sartory — May Allison
Drusilla — Phillis Haver
Phil — *Paul Nicholson*
A Sra. Eyre — *Kate Bruce*

* * *

Quando o doutor lhe deu a noticia que seu marido ia recuperar a vista, toda ella se encheu de alegria. Seu querido Gilly ia emfim gozar d'esse privilegio que lhe tinha sido tirado havia sete annos, quando, durante a guerra fôra victima de gazes que o cegaram. Então era ella enfermeira no hospital de sangue: amaram-se e ella o acceitou como marido mesmo assim. Casaram-se e retiraram-se para aquella casa de campo, do sul da França. Passaram-se sete annos de felicidade, em que apenas havia a tristeza d'elle não querer voltar para sua terra, para os Estados Unidos, para não dar aos pais o triste espectaculo de sua invalidez.

Mas, passados os primeiros momentos, a physionomia de Vida contrahiu-se e ella explicou ao doutor o que lhe ia n'alma:

— Agora elle verá que eu lhe menti... Para que consentisse em casar commigo, eu lhe disse

O final de uma festa em casa da familia Eyre.

Curado miraculosamente Gilly foi recebido como um triumphador.

Ella ficou radiante á noticia de que seu marido ia recuperar a vista.

que tinha o resto deformado, tambem victima da guerra... E elle sempre me amou assim, e agora vai me considerar uma mentirosa. Alem d'isso, sei que antes de vir para a Europa, deixou em New-York uma noiva... Talvez se tenha arrependido já do casamento que fez. Eu me vou embora! Elle já não precisa de mim, como enfermeira, pois que, vai ficar bom. Irei para os Estados Unidos para disputal-o á outra e fazer que elle me ame, mais do que a ella!

Quando Gilly Eyre soube que ella partira teve apenas uma observação:

— Como seu tolo... — Pensei que me amava... mas agora vejo que para ella o casamento commigo não passou de um negocio...

Algum tempo depois Gilly chegou a New-York, já curado. Porem nada havia que o deslumbrasse tanto que lhe tirasse a vontade de correr a abraçar os seus, tanto mais quanto ia fazer-lhes uma surpreza.

E encontrou o palacete da familia Eyre, em New York, em festa! Era para admirar, dado o espirito conservador de seus pais. Mas logo, ao abraçar sua mãi, a pobre entrevada, que andava apenas com o auxilio da sua cadeira de rodas, teve a explicação d'aquillo:

— Tua irmã Drusilla e o teu cunhado Phil achavam que viviamos no seculo passado, e são elles agora os que tomam conta da casa...

Gilly admirou-se com o que ouvia, mesmo por que encontrava sua mãi á cabeceira do pequenino Jack, filho de Drusilla pois esta desertára deixando em seu logar uma enfermeira. Mal sabia elle que era Vida quem estava alli, sob o nome de miss Lane, disposta a levar avante seu proposito.

Ao ouvir-lhe a voz, elle sentiu qualquer cousa que o feria fundo no coração. Aquella voz... E como era Lane differente de Lael Sartory, que veiu a seu encontro, galhofeira e alegre, com modos desenvoltos! Era a noiva que o esperava ainda e a quem teve elle de contar a verdade: — estava casado... ou antes divorciado, de uma mulher que se casára com elle por uma questão... financeira... profissional...

— Que foi isso? Onde foi esse tiro?...

Vida soffreu ao ouvil-o fallar assim e mais do que nunca se decidiu arrancal-o das garras daquella creaturinha linda mas que fumava, dançava o shimmy e beijava os rapazes, achando tudo isso muito natural pela educação, que recebera.

Bem depressa Gilly teve de intervir nos negocios da familia, pois viu que Phil, seu cunhado queria induzir o velho a empenhar sua fortuna em negocios de petroleo e oppoz-se a isso

(*Continúa na pag. 33*).

O medico acudiu logo a soccorel-a.

Era Vida quem alli estava, como enfermeira, junto do sobrinho enfermo.
Em baixo: — Lael Sartory e suas companheiras tinham os modos mais desenvoltos.

OS QUE VIVEM NO ÉCRAN

THEDA BARA

Uma entrevista com Theda Bara, a vampira dos olhos "unicos", fôra para mim um ideal por muito tempo irrealisado. Minha retina conservava ainda a imagem d'aquelles grandes olhos, tão grandes, sombreados, por uma expressão sinistra...

Os excitantes nús de sua "Salomé", a sumptuosidade escandalosa de sua "Cleopatra", tinham-se conservado em minha memoria. Quando cheguei a Hollywood, uma de minhas obsessões era essa: ver a tragica famosa, ouvir sua voz, encanto que falta nos films e que eu suppunha calida e grave, como a das actrizes shakespeareanas, acostumadas ás prosopopéas do "Othelo"...

Mas justamente nessa epocha, Theda Bara acabava de renunciar á cinematographia, talvez para sempre. Soffrera tanto, ante as imposições de directores mediocres, que determinára dedicar-se exclusivamente a seu proprio lar recemformado, encantando a vida de Charles Brabin, o director afortunado, que lhe deu seu nome.

De Theda Bara, no écran, restava apenas uma vaga recordação. Seus films mais notaveis deixaram de se exhibir e lentamente começou a cahir a neve da indifferença sobre meu ideal de adolescente, ao qual foram tirando a força novas impressões e novos exitos. Perambulei por Hollywood, terra kaleidoscopica, repleta de lendas falsas e de atmosphera mentirosa de depravação; de studio em studio trocando impressões com centenares de artistas, ouvindo a palavra convincente de Alla Nazimova; ante a belleza circasiana de Carmel Myers; sob a luz astral dos olhos de Mae Murray, mimosa e cheia de tregeitos, como uma gata amimada.

Chegou a epocha de reunir estas impressões. E então foi quando senti que meu labor não estaria completo, pareceria mutilado, se minhas paginas não contivessem a imagem de Theda Bara com essa expressão que faz nascer em nossas almas um fio de angustia. E a obsessão de encontrar a grande actriz, tornou a assaltar-me.

Informaram-me de que estava em New-York. Seu marido fôra escolhido para uma commissão do Governo, na Europa. Theda foi leval-o até o cáes, onde elle embarcou no Acquitania.

Sua photographia familiarisou-se nos jornaes e revistas, estreitando o rosto contra o corpo varonil de seu marido, com aquella mesma impressão de tristeza nos olhos e um aspecto de surprehendente juventude...

Mas naquella manhã eu me apresentára nos terrenos milagrosos da Metro-Goldwin. Joe Jackson, o chefe do departamento de publicidade, estava de um humor insupportavel. Era a elle exactamente a quem eu tinha de fallar; mas ant[es] aquella inesperada circumstancia preferi não importunal-o. Sempre é bom deixar que cada um fique com seu máu humor

(Continúa na pag. 21).

MISS PATSY RUTH MILLER.

OS NAMORADOS NO CINEMATOGRAPHO — **MADGE BELLAMY** e **CHARLES FARREL**, da *Fox-Film*.

O segredo do marido

Film da First National com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Judith Brewster — PATSY RUTH MILLER
Owen Elliot — ANTONIO MORENO
Ruth Pearce — RUTH CLIFFORD
Leon Pearce — WALTER MACGRAIL
Rex Brewster — *David Torrence*
Gertie Amory — *Phillis Haver*

***

Eram felizes aquellas duas almas. Amavam-se ainda, como haviam começado a se amar, havia vinte e dois annos. Entretanto ella se sentia menos feliz do que elle, pois que se a elle o destino conservára a filha, uma moça linda que elle adorava, a ella lhe roubára o filho...

Vinte e dois annos... Como havia passado o tempo! Então Ruth era casada com Leon Pearce, um homem que só pensava em pandegas e deboches, tanto que admittira em sua casa, certa occasião, todo um grupo de gente leviana que Tom Chester, um amigo millionario, levára para lá no seu yacht. Foi então que elle quiz que Ruth fizesse camaradagem com Gertier Amory, uma criaturinha linda mas de moral duvidosa e Ruth preferiu fugir de casa, carregando ao collo o filhinho, que adorava. E fôra bater á porta do visinho, Rex Brewster, alma pura e bôa que alli vivia enlevado com a filhinha, que lhe ficára de um casamento que durára pouco.

Desde então datára a amizade dos dois. Leon a deixára em casa, sózinha com o filho e fôra com Tom Chester e os seus, para um cruzeiro de pandega. Um mez ficára sem vir vêr a mulher e nesse mez, Ruth e Rex cimentaram sua amizade e um sentimento mais profundo surgiu nelle. Um dia voltou Leon, mas foi apenas para levar a criança e desapparecer com ella. E, passado os tempos de dôr, Ruth deixou que Rex tratasse dos seus papeis de divorcio e mais tarde veiu a ser sua esposa.

Isso fôra havia já vinte e dois annos. Agora, em New-York, se para ella o filho continuava a ser uma saudade, a filha de Rex se tornára uma moça linda e Judith acabava de deixar o pensionato, para viver com elles.

New York!... A terra dos grandes emprehendimentos não podia deixar de abrigar a Hudson

Mas, ao contrario do que esperava, o velho Sr. Rey, respondeu-lhe duramente.

Dous aspectos de miss Ruth Clifford no papel de *Ruth Pearce*.

Para não supportar aquella affronta, Ruth preferiu fugir de casa, levando seu filhinho

Leon, leviano e sem escrupulos, admittir em sua casa aquella gente desordenada.

Investment Co. E' lá que vamos encontrar Owen Elliot, o jovem socio, que pouco tratava dos negocios da firma, mas naquella occasião valia por muito mais do que qualquer outro director, visto como, não fosse sua intervenção e a riquissima Sra. Van Tuyler não assignaria o contracto de concessão de capitaes para desenvolvimento dos negocios. Mas a Sra. Van Tuyler sentia-se presa á mocidade e galanteios do rapaz e desde que elle o queria, ella assignava o contracto. E foi acompanhando-a a um jantar, que Owen Elliot foi encontrar Judith Brewster, a filha do millionario Rex, que acabava de deixar o pensionato.

Para Judith, botão que se abria em rosa, tudo era sensação nova, como a da flôr que recebe o beijo do colibri, que lhe vai roubar o nectar delicioso. Por isso ella se sentiu presa a Elliot que, não querendo perder a opportunidade, dada a fortuna immensa de seu pai, começou a cortejal-a.

Mas os negocios da Hudson Investment Co. não corriam bem tanto que Elliot recebeu de seus companheiros a noticia, de que as autoridades federaes estavam investigando sobre o emprego dos capitaes confiados á empreza. E, ou elles arranjavam quinhentos mil dollars para a caixa, ou... teriam de ir parar numa penitenciaria. Foi então que Owen Elliot resolveu dar o bote definitivo. O casal Brewster, o velho casal de dois entes, que se amavam havia vinte e dois annos, foi informado, pela propria Judith, do que se passava... e a bôa Ruth chorou... Naquelle passado, que estava já tão longe ella havia feito um plano, o de casar seu filho com Judith... Mas o pequenino desapparecera. E elle tambem se chamava Owen...

Passaram-se algumas semanas e Judith avisou seus pais da proxima chegada de seu noivo.

O velho Rex, que temia pelo futuro da filha e era observador, conhecedor da alma humana, resolveu estudar o rapaz. Foi

(Continúa na pag. 31)

Foi assim que Owen foi apresentado a sua propria mãi.

A filha de Rex, sua enteada, era agora o enlevo de sua existencia.

OS TYPOS DE BELLEZA NO CINEMATOGRAPHO—

ss **VIOLA DANA** e um grupo de **GIRLS**, da *Metro-Goldwin*.

Vale a pena viver?

Film da Universal com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Nelson Marley — *Eugene O' Brien*

Jimmy Colton — *Arthur Housman*

Luiza Mason — *Winifred Westower*

* * *

As largas portas da cadeia abriam-se para aquelle que acabava de cumprir a sentença a que o condemnára a justiça vesga dos homens. Nelson Marley readquiria sua liberdade e perguntava a si mesmo se valia a pena viver, depois da vergonha por que passára.

E logo se viu abordado por um aventureiro, um pirata social, que convidava-o para novas proezas, que elle repelliu.

Não, estava resolvido a viver honradamente, custasse o que custasse!

Esperando o momento azado em que poderia desapparecer para sempre, tentou ganhar o pão, á custa do proprio esforço, lançando mão da primeira occupação honesta que conseguisse obter. Fez-se vendedor ambulante de fitas de machinas de escrever por conta de uma companhia productora.

As cousas não lhe sorriam e elle encontrou o primeiro amigo leal num pobre cãosinho que algumas creanças sem alma maltratavam.

Uma visita que chega na peior occasião.

Tomou o pobre animal a seus inconscientes torturadores, levou-o para sua casa e verificou que no mundo nem tudo é ingratidão.

Mas continuava a não encontrar emprego, nem trabalho avulso sufficientemente remunerador, capaz de assegurar sua subsistencia.

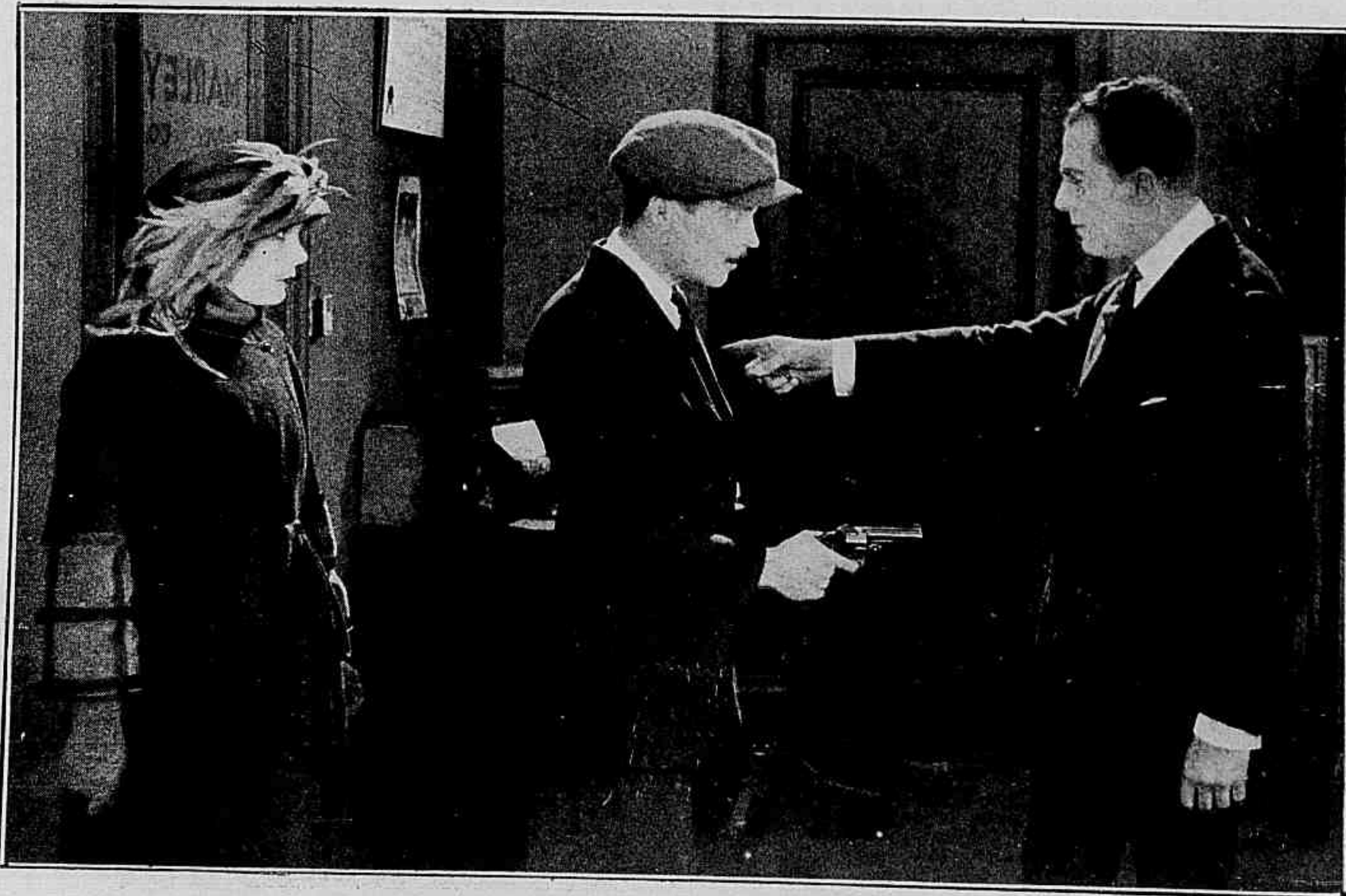
A vista d'isso, comprou, num belchior, o revolver com que pretendia estourar os miolos e esperou um momento opportuno para fazel-o.

Lutou, porem, ainda, mudando seus methodos de commercio, e seus negocios começaram a melhorar.

Uma tarde estava elle num jardim publico, quando viu uma pobre moça, debulhada em lagrymas.

Era uma desanimada, como elle, ha muito em busca de trabalho. As forças já lhe faltavam e a misera succumbia de fome. Nelson levou-a para sua casa e confiou-a aos cuidados da bôa senhora, que lhe alugava os commodos, interessou-se pela infeliz, que o suppoz um grande homem de negocios.

Luisa Mason, assim se chamava ella, começou a melhorar. Nelson arranjou-lhe circulares para escrever, dando-lhe, como desejava, uma occupação durante o dia.

Depois, como Luiza dissesse que queria ver seu escriptorio

O miseravel ainda tentou intimidar Nelson com um revolver.

Nelson arranjou um ás pressas e nelle se installou.

O milagre começava a operar-se e chegavam a Marley, como resultado das circulares, feitas por Luiza, encommendas sobre encommendas de artigos de machinas de escrever.

Já elle não tinha mãos a medir e a empreza para a qual trabalhava mostrava-se enthusiasmada com sua actividade.

As coisas iam nesse pé, quando o antigo patrão de Marley, o que o levára á prisão, accusando-o de um desfalque, verifica a innocencia do rapaz. O empregado deshonesto não fôra elle; mas um tal Jimmy Colton, um sugeito de nome pouco limpo nos cadastros da policia.

Colton é preso afinal e Marley recebe justa recompensa sendo-lhe dada a direcção de uma das mais importantes filiaes do poderoso estabelecimento.

Elle ama Luiza e Luiza o ama. Nada lhes impedirá, agora, a felicidade, que tanto tardára, chegára afinal!..

Era aquelle o ladrão!

Theda Bara

(Continuação da pag. 14)

e considero que nada ha tão imperdoavel como privar um bom amigo de seus momentos de irritação. Assim, pois, passei de largo e perambulei por outros studios, em busca de alguma novidade. Encontrei-me com Rupert Hughes, June Mathis, já prompta para se despedir da America do Norte, pois ia fazer uma longa viagem de recreio; Gertrude Olmstead, a "estrella" cuja real belleza fez d'ella uma primeira figura na cinematographia, quasi contra sua propria vontade.

Pouco adiante dei com Eugene O' Brien. Preparava-me para saudal-o quando vi que se voltava para dar a mão a uma dama. Quando ella ergueu os olhos, reconheci-a immediatamente.

Theda Bara...

Todas as minhas recordações, todas as minhas impressões adormecidas despertaram nesse momento. Theda Bara alli estava, tal como é na tela, com seus grandes olhos verdes esmeralda, seus cabellos longos, muito negros e abundantes e sua bocca pequena, pintada de escarlate, como uma expressão tragica em seu bello resto triste.

— Conhece miss Bara?

Era Eugene O' Brien quem me interrogava; respondi com um movimento de cabeça negativo. Então apresentou-nos, uma apresentação rapida durante a qual apertei a mão suave d'aquella mulher, que parecia

(Continúa na pagina 30)

As primeiras compras para o escriptorio

Uma tarde elle encontrou num jardim publico uma pobre e linda creaturinha

AS ESTRELLAS DA SCENA MUDA — MISS **SHIRLEY MASON,** da *Fox-Film Corporation.*

— Mas eu tenho aqui o collar. Tinha-o guardado para que não fosse roubado.

Pelos caminhos do Paraizo

Conto de PAUL ARMSTRONG

Cinematographado pela *Paramount* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

Molly, a rainha da moeda falsa — BETTY COMPSON
Fred Frap, o ladrão elegante — RAYMOND GRIFFITH
Callahan, o detective — *Tom Santschi*
O pai da noiva — *Bert Woodruff*
Um confederado — *Fred Kelsey*

* * *

Vêr o mal antes das consequencias é um grande bem.

Assim pensam os que sabem que os impulsos e desejos humanos devem ser sempre para a bôa conducta.

Fred Frap, o heroe d'esta historia, porem procede de modo contrario, até aprender a sua custa que a machina humana deve ser sempre lubrificada com o oleo da honestidade.

Sempre alegre e satisfeito, vai passear uma bella noite no bairro dos apaches, onde se encontra com um guia de viajantes e excursionistas, que o convida a ir ver o botequim denominado "O Balde Cheio de Sangue", a mais perigosa espelunca da cidade.

Fred Frap, que anda sempre elegantemente vestido, acceita. Ao entrarem no botequim, o dono exige alguns dollars e, como sua cara trombuda não é para graças, Fred paga-os de cara alegre, mas desconfiada.

Satisfeita a primeira exigencia, o guia diz a Fred Frap:

Betty Compson e Raymond Griffith nos papeis de *Molly* e *Fred*.

E andam os dous por alli, cada qual mais empenhado em deitar mãos ao collar.

"E agora vai ver o que muita gente nunca viu! A Rainha da Moeda Falsa, fabricando dinheiro egual ao verdadeiro!"

Fred fica devéras admirado, mas não ousa approximar-se da falsaria. Ella, porem, chama-o á parte e em voz baixa, affirma:

"Não faço, nunca soube fazer moeda falsa! Só sei fazer... doces! Sou uma prisioneira d'esta gente! Por favor, salve-me!"

Desde esse momento os dous sympathisaram-se e Fred Frap, depois de ver que não ha mouros na costa, aprompta-se para fugir com ella, mas ao abrir uma porta vê-se diante de um butamontes, alto como uma torre, bojudo como um couraçado, e que lhe diz:

— "Para onde vai com minha esposa?"

Ao dizer isto aponta-lhe um revolver e o dono do botequim que entra precipitadamente, diz a Fred, entregando-lhe uma pistola:

— "Mate esse homem se não quer morrer!"

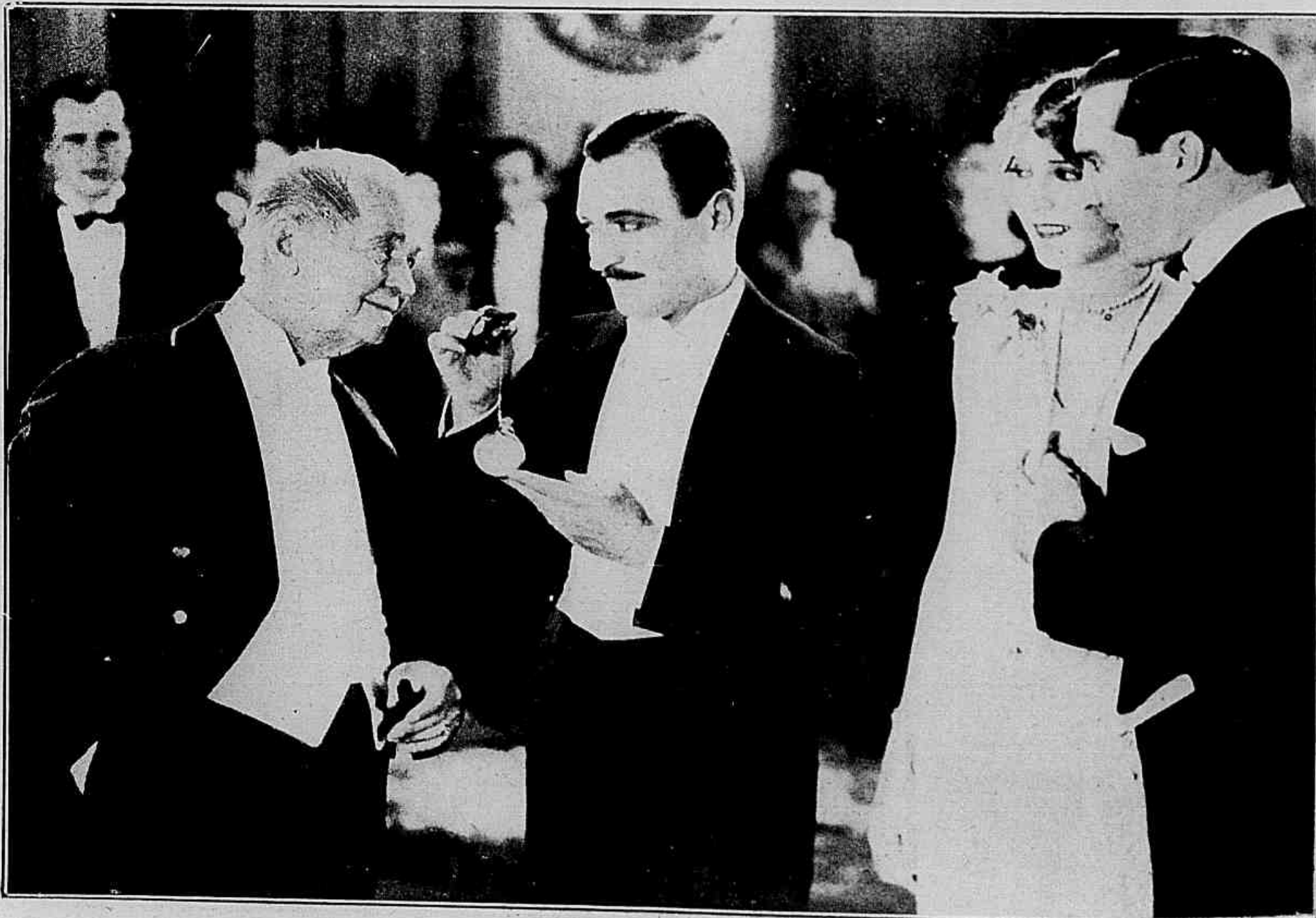
Entram os outros apaches e estabelecem uma confusão que em vez de achar medonha, Fred considera engraçadissima. Ouve-se porem a detonação de um tiro e um dos apaches cahe no chão gravemente ferido.

Fred é accusado de ter praticado o crime e o dono do bar aconselha-o a "comprar" alguem para livral-o d'aquella pavorosa enrascada.

Um dos apaches exclama então:

— "Eu confesso o crime por quinhentos dollares!"

Neste momento, porem, vira-se o feitiço contra o feiticeiro. Fred mostra-lhes um distinctivo de policia secreta, ordenando-lhes que se rendam.

Esta ordem é secundada pela apparição de outro policia secreta, que com voz de trovão, brada:

Uma demonstração pratica das habilidades de um detective.

O detective não chegou a surprehender o gesto.

Emfim! Tinham-o em seu poder.

— "A casa está bem cercada e os carros da policia estão lá fórapromptos para conduzir os prisioneiros."

Os apaches rendem-se, mas o dono do botequim, diz ao policial, auxiliar de Fred:

— "Dou-lhe mil dollares se nos livrar da prisão!"

E o policial replica:

— "Meu chefe não se vende! E' um funccionario honesto! Mas com as "unhas bem untadas" talvez eu consiga convencel-o!"

O dono do bar e os outros apaches entregam-lhe todo o dinheiro que têm e o policial falla baixinho com o chefe, dirigindo-se para a porta.

Fred então larga:

"Vá lá! Mas agradeçam á vossa Rainha por não irem todos para o xilindró! Para outra vez, porem, não escaparão ás formalilidades da lei!"

E ambos sahem deixando os apaches desorientados e estupefactos.

A "Rainha" porem, descobre que Fred tinha deixado o distinctivo em cima da mesa e admirada lê a inscripção

19

INSPECTOR

DE

CONTADORES DE GAZ

E furiosa exclama:

"Fomos embrulhados".

***

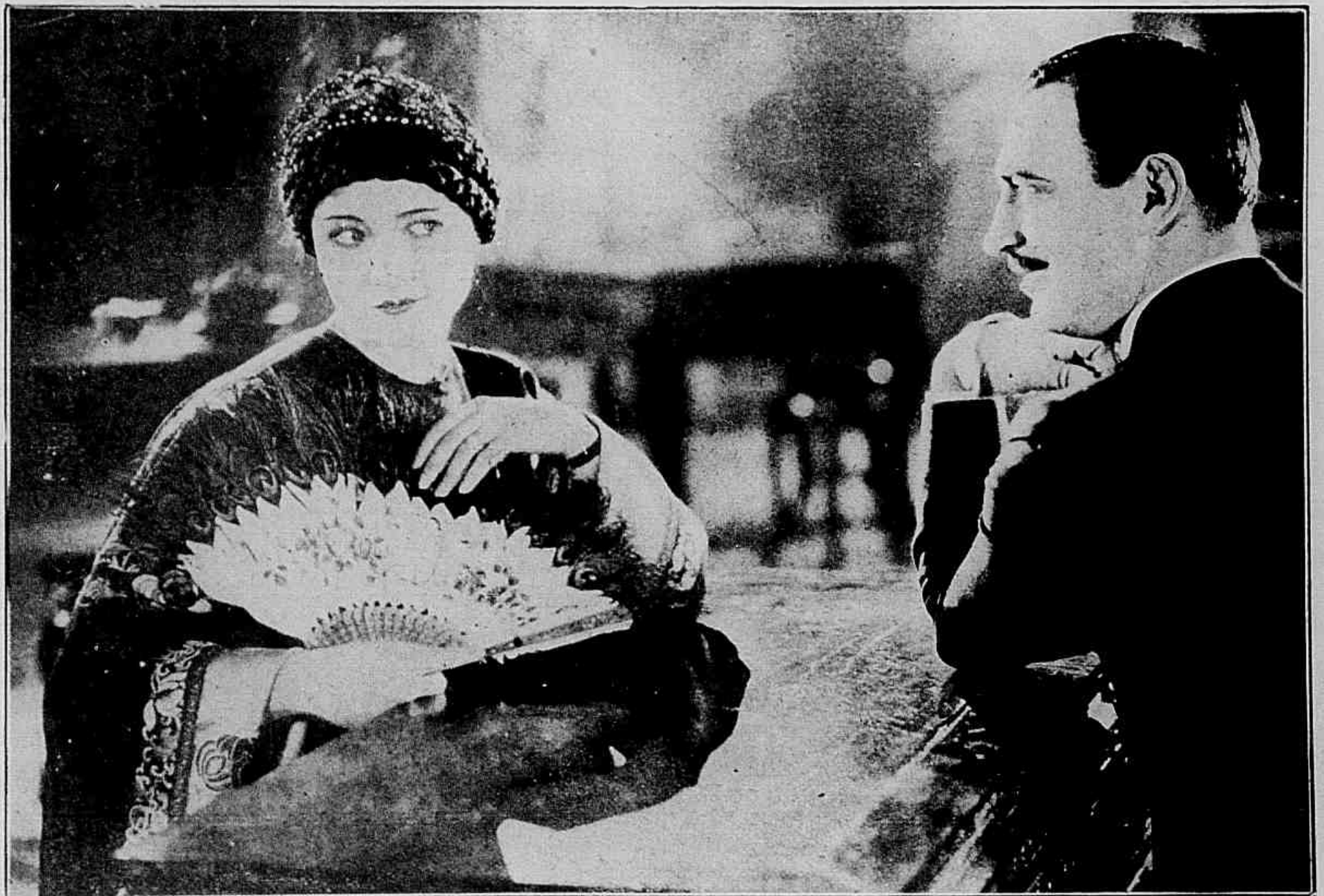
Na manhã seguinte, em uma rua perto das docas, o velho William Wing, todo ufano, mostra a um amigo um collar de brilhantes e diz-lhe:

— "Foi comprado em Paris. E' o presente de casamento para a minha filha!"

— "Cuidado com os gatunos" — observa a amigo, — "no Livro da Prudencia o primeiro capitulo ensina-nos a ser discretos!"

Mas o velho Wing não se importa e mostrando o collar a outro amigo, assevera:

— "E no Livro do Amor o primeiro capitulo é sempre o

(Continúa na pag. 32)

Sympathisaram desde esse momento.

A trilha da vingança

Novella de ZANE GREY

Cinematographada pela *Fox Film Corporation* com a seguinte

DISTRIBUIÇÃO

John Shefford — TOM MIX
Fay Larkin — ANNE CORNWALL
Jake Willets — *George Bancroft*
Joe Lake — *Lucien Littlefield*
Beasley Willets — *Mark Hamilton*
Bess Erne — *Vivian Oakland*
Nas Ta Bega — *Steve Clemente*
Venters — *Tom Delmar*
Shadd — *Fred DeSilva*
Lassiter — *Doc Roberst*
Jane — CAROL HALLOWAY
Anna — DIANA MILLER

***

Datava de longo tempo John Shefford vinha procurando, sem cansar, seu mallogrado tio Jim Carson, sem conseguir encontral-o.

Foi por occasião da guerra aos Pelles Vermelhas que John, ajudando uma familia a atacar os indios, veiu a travar relações com Venters, chefe da tropa, que heroicamente defendia a posse das terras que habitava.

Venters fôra companheiro de Jim Carson e d'elle John ouviu admirado a historia de seu tio.

Jim fugira com Jane Withersten e sua filha adoptiva Fay Larkin para se porem a salvo de um bando de salteadores. Pelas subidas difficeis e arriscadas, pelas rochas ingremmes, por entre nichos feitos ainda pelos antigos moradores d'aquellas remotas regiões, conseguiram galgar o cimo da montanha e, fazendo rolar uma pedra movediça como ultimo meio de defesa, obstruira para sempre o valle das Surprezas, encerrando-se com a creatura amada, que, seguindo-o, não temera afastar-se do mundo civilisado, para ficar junto de seu querido Carson".

Tendo arrebatado a moça da mão de Jacke, John levou-a para uma casa proxima.

Commovido com a historia, que acabava de ouvir John resolveu ir ao celebre valle procurar os parentes, que alli haviam ficado presos. Mas para lá chegar era mister passar por Stonebridge e jamais um forasteiro sahira com vida d'aquella villa de barbares. Mas Shefford, destimido e resoluto, enfrentando todos os perigos atira-se de corpo e alma á empreitada, que ha muito o traz atravessando valles e montanhas, galgando abysmos profundos, apenas com a

E afinal encontrava essa que por tanto tempo procurára.

John comprehendia aquella alma.

Com grande espanto da assistencia que muito temia Jake, John deu-lhe uma lição severa.

força herculea de seus musculos e o galope veloz do seu cavallo.

Levando como guia Joe Lake, um velho ranzinza, sempre prompto a blasphemar contra tudo e contra todos, quando qualquer desgraça lhe acontecia, como se

(Continúa na pag. 32).

Só mesmo muita audacia e valor poderiam salval-o d'aquella situação.

A' mercê da vida, ou nos sertões americanos

Romance de aventuras da *Pathéserial*, interpretado por VIVIAN RICH e MAHLON HAMILTON.

***

(Continuação)

6° EPISODIO — O LEVANTE

A pobre moça, mal escapou de morrer, em caminho, em consequencia da explosão de uma mina (, viu-se depois, de surpreza, cercada pelos bandidos e dentro da casa d'elles, que ella suppunha, quando alli entrou, abandonada.

8.° EPISODIO — O INCULPADO

Em poder dos bandido, Beth perdeu os sentidos, em virtude de uma forte pancada, que levou na cabeça.

Julgando-a morta, os patifes foram em bando lavar-se a um ribeiro proximo, ficando na cabana um d'elles, que logo pensou em se apoderar do ouro naquella manhã roubado ao estafeta Graham.

Estava elle muito occupado nessa operação, quando Beth recuperou os sentidos e corajosamente empunhou o revolver e subjugou o bandido.

Porem, ella não contava com o regresso dos outros, que se tinham ido lavar.

Arriscou-se, em todo o caso, a enfrental-os, mas, por certo, teria perdido na luta, se não fosse a chegada de Graham, com muitos dos homens que eram por elle. O resultado foi serem presos todos so bandidos, que, então, foram levados para Carter Creek, onde iam ser submettidos a um julgamento.

9.° EPISODIO — DESMASCARADO

Organisado o tribunal, decidiu-se que, uma vez reconhecido o culpado, fosse quem fosse, seu castigo seria a forca.

Os bandidos tiveram medo d'essa decisão e, então, um d'elles resolveu confessar abertamente os crimes de todos. Descobriram-se assim os assassinos do velho Cameron e soube-se que o chefe do bando era Ike Rogers — justamente o homem de quem ninguem suspeitava.

Beth e Graham trataram logo de ir a sua procura, para o prenderem, mas o tratante, avisado a tempo, poude fugir.

Castigados os outros patifes, podia-se dizer que, com isso, estariam terminadas todas as aventuras da linda e infeliz Beth, mas a moça não se dava ainda por satisfeita; queria castigar tambem Ike Rogers.

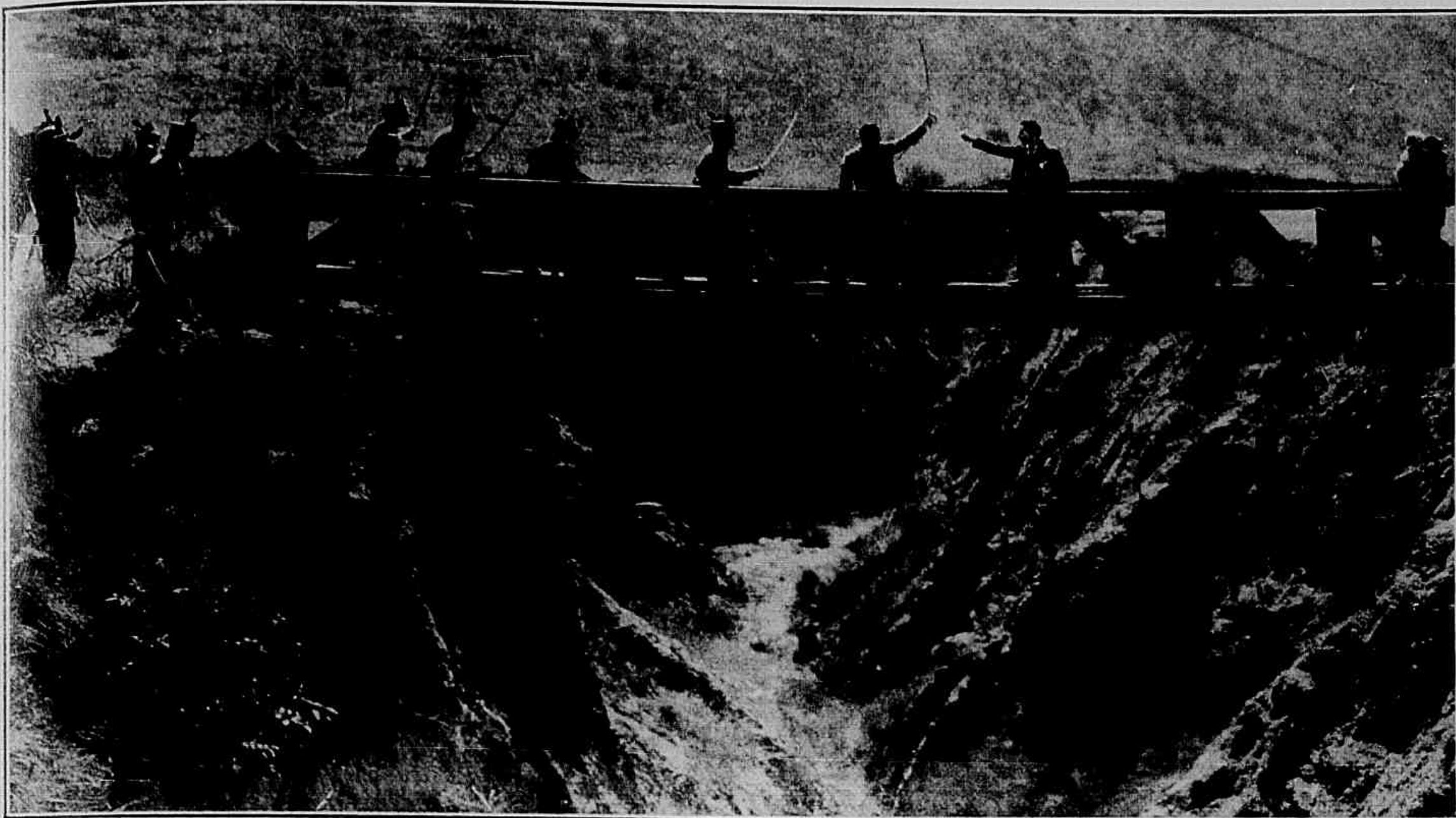
Cheia de arrojo, como sempre, sahiu pelos montes, á procura d'elle — e encontrou-o.

Mas não contava com a ferocidade do seu adversario. Mais fraca do que elle, cahiu-lhe nas garras; e o patife ia exercer uma vingança terrivel, quando descobriu que Beth era uma mulher.

Seus olhos brilharam então, como nunca. Sahia-lhe a empreitada muito melhor do que elle esperava...

(Conclúe no proximo numero)

De pistola em punho elle lhe impoz suas decisões.

Desta vez o miseravel tinha que se confessar vencido.

Como um heroe do tempo antigo John enfrentou os adversarios de espada em punho.

O CASTELLO ENCANTADO

OU

A foragida do Castello de Pless

Film da *Columbia Pictures*, tendo como principaes intrepretes, MADGE BELLAMY, STUART HOLMES.

.˙.

Emquanto o primeiro John Smart se destacára, empunhando a espada, em 1776, o segundo John Smart manteve as tradições da familia em 1861 e o terceiro na recente guerra de Cuba, o quarto John Smart, herdeiro da espada de seus antepassados, longe de continuar a trilha de seus avoengos, limitava-se a escrever contos para revistas, que á razão de noventa por cento eram recusados pelos editores.

Residia elle num predio, enorme, especie de casa de commodos, onde tinha uma visinha muito interessante, mas que deixava transparecer qualquer coisa de mysterioso, em seu modo de viver.

Certa manhã, John, lendo os jornaes, deparou com um annuncio interessante, em que era posto á venda um castello, o vetusto Castello de Pless, no Plesbourgo, de lendarias tradições.

John logo desejou adquirir aquelle castello. Mas, onde estava o dinheiro para fazel-o? Coincidiu, porem, com esse facto, ser elle chamado por um advogado de seu tio, que havia fallecido e lhe deixára uma enorme fortuna.

— Não sabe? O nosso visinho herdou uma grande fortuna.

Ao ver uma noticia d'isto, no jornal, Anette viu que se tratava de seu visinho e logo procurou o rapaz com quem se mostrou muito carinhosa.

Apenas, entrou na posse da fortuna, John deu ordem para que lhe comprassem o castello, comprou pasagem num transatlantico e fez de encarregado da casa de commodos, Pedro João, seu criado grave.

Recebeu porem ainda uma visita de Annette, que lhe exigiu dez mil dollars, ameaçando de fazer um escandalo, caso elle se recusasse satisfazel-a. Foi impedida de fazer, por Pedro João, que cortou a assignatura do cheque, assignado por seu patrão e partiram ambos para o Castello.

Segundo diziam as lendas esse castello era mal assombrado. Isso era proclamado pelo casal que o zelava e tinha horror á ideia de que elle poderia vir a pertencer a um estrangeiro. Este casal, o Sr. Hans Schemick e sua esposa recebendo os novos donos do castello, ou o novo dono, começou a lhe contar cousas de fabula, fallando num cão que havia matado dous homens, numa parede onde diziam haver sido emparedada a princeza Beatriz, no seu espirito, que vagava á noite pelo Castello e outras tantas cousas fantasticas, que encheram de medo os nossos heroes.

A' noite nem um dos dois poude pregar olho.

Tudo lhes parecia uma revelação sobrenatural.

Em dado momento Pedro João chegou a ver um fantasma numa galeria do castello, affirmando isto a seu patrão, que, empunhando a espada de seus avós, resolveu esclarecer o facto.

Sahiu do quarto e começou uma batida pelos vastos salões da casa. Depois de ter aberto não poucas portas e atravessado corredores innumeros, chegou a um salão onde encontrou uma dama de rara belleza, mas que não tinha nada de espiritual. Quando ella o interpellou, elle se sentiu embaraçado e sahiu pedindo desculpas.

Era essa dama a condessa de Pless, filha do millionario Titus, que raptára sua filhinha do marido de quem se divorciára, por ter elle uma vida desregrada e cruel, esbanjando de seu sogro o dinheiro, em orgias.

Os jornaes norte-americanos, ha muito se occupavam com esse caso.

Ficou, então, John sendo amigo d'aquella mysteriosa dama. Visitava-a e pouco e pouco, interessando-se por seu caso, teve a ideia de a proteger contra a ganancia de seu desalmado marido.

Teve, ainda, John que se haver com a tal Annette, que vinha reclamar o dinheiro, que pedira, d'esta vez em moeda corrente. Ao sahir, ella, despeitada, viu a condessa atravessando uma galeria. Correu a contar ao conde que se embebedava, no meio de gente pouco decente, o que acabava de descobrir. O conde immediatamente partiu para o castello e não sendo bem recebido por John, prometteu voltar no outro dia.

De facto, assim o fez, na manhã seguinte. John, porem, ja havia tomado suas providencias. Chegando o conde com a policia, elle impediu de espada em punho que os soldados se apoderassem da condessa.

Hans, que havia partido na vespera, em missão secreta, chega com um aeroplano, ao campo proximo. Pedro João foi jogado na adega, onde se entregou ao vinho, que lá encontrou. A condessa conseguiu fugir. John perdendo assim o castello e a sua fortuna, volta para a America.

Quando elle se entregava de novo, a seu antigo trabalho, recebeu a visita da condessa, que vinha em companhia de seu pai, afim de o apresentar ao seu salvador.

Pedro João, que encontrára na adega um cofre cheio de joias, vinha tambem entregar-lhe esse thesouro.

Assim John, que nunca conseguira escrever um romance de valor, teve um na propria vida, um bello romance de aventuras que lhe trouxe a fortuna e o amor.

—✠—

Theda Bara

(Continuação da pag. 21).

uma extranha em seus proprios dominios.

Foram apenas alguns segundos de palestra. A exposição do prazer que teria em entrevistal-a.

Dez minutos depois, sob o immenso cartaz da "Metro-Goldwin", apertava entre as mãos um cartãosinho perfumado no qual se lia em caracteres italicos: "Theda Bara-6429 Yucca St."

Antes de dirigir meus passos para a rua Yucca, considerei necessario refrescar minhas recordações acerca da grande actriz, com que tinha esta tarde meia hora para a anciada entrevista. Emquanto esperava meu amigo Monroe, que tomaria a nota graphica de minha visita repassei os pontos.

Sabia que Theda Bara nascera em Cincinnati, nos primeiros dias de 1890. Que em sua vida anterior á artistica, seu nome era Theodosia Goodman, que trocára pelo actual por ser mais facil de pronunciar. Que fizera seus estudos theatraes na Escola Nacional de Bellas Artes, em New-York, depois do que começára a ter grande exito nos palcos da Broadway. Sua arte desde então, a levára sempre mais acima, até collocar seu nome com lettras luminosas nos mais altivos theatros da cidade phenomeno.

Mas Theda Bara não estava destinada ao palco. As fadas que traçaram seu futuro haviam disposto que resplandecesse na nivea plataforma perpendicular e ella encaminhou seus passos para os studios da "Fox", que estreou sua personalidade, nova para os apaixonados do cinema com "A mulher fatal", um film que, em inglez, teve o suggestivo titulo de "A fool there was"... (*Era uma vez um louco...*) O exito que corôou a apresentação d'esse film foi fantastico. Desde então, nenhuma actriz alcançou successo tão clamoroso no dia immediato ao de sua apresentação, como o por Theda Bara, na interpretação da mulher maligna do photodrama. E desde então ficou definitivamente consagrada como a vampira typica, de feições intelligentes e olhos fascinantes, olhos que gyram como os das serpentes quando querem attrahir os colibris, que cruzam o espaço.

— Prompto?...

Monroe chegára, com seu bloco de papel e o inseparavel lapis de duas pontas. Meia hora depois estavamos ante uma residencia quasi modesta, de estylo colonial e severo.

Na salinha confortavel e ante vasos de legitimo "escossez", esperamos alguns minutos. Sobre o piano, um retrato de Brabin fita-nos com olhos tristes, que parecem guardar o reflexo dos de sua esposa. Monroe já tem tudo preparado.

Uma porta, que se abre um pouco, ao fundo. Palavras perdidas sôam atraz d'ella e logo se apresenta theatralmente, pomposamente, Theda Bara, a vampira dos olhos "unicos".

Sua primeira impressão é um gesto de contrariedade ao ver a machina photographica; não o dissimula. Com voz bem timbrada, diz:

— Oh, não, não... não tire photographia; não estou preparada... alem d'isso, esta casa não é a minha, este vestido... Não, é horrivel. Tenho minha residencia em New York, não... não...

E sua negativa parece-se com a de uma creança, que resiste a entrar no banho, com medo da agua fria...

COMO SE PODE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma joven, que se assigna "Desconsolada" nos escreve: "Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis, que é muito aspera e cheia de manchas". E nos pergunta se "realmente existe alguma cousa que possa remediar, efficazmente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos cremes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de se transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse cold-cream, todas as noites, retirando-a pela manhã, com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louçã e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum: pelo contrario, offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

Mas Monroe diz algumas phrases que conseguem acalmar os nervos da actriz e quando menos esperava eil-o que bate a chapa com ella sentada, confiante e eu a seu lado.

Quebrou-se o natural embaraço e, pouco depois, já em tom familiar ella nos falla de suas ambições, de sua volta á cinematographia e mostra-nos um massagão de papeis, — que publicará breve: "Minha maior paixão". Em suas paginas palpitam as impressões intimas, que Theda Bara teve em sua longa vida artistica, as pessôas interessantes, que conheceu, a atmosphera dos paizes, que visitou...

Theda Bara é, para mim, o prototypo da actriz intelligente dos Estados Unidos. Mulher em plenitude da vida, economica nas palavras, com um profundo conhecimento da psychologia humana, é, excepção feita de Alla Nazimova, a mais interessante do écran. Seu conhecimento litterario é muito amplo, suas maneiras sociaes perfeitas... e seus cigarros preferidos os Tarrytown..

Este detalhe dos cigarros traz-me á memoria seu gesto de horror no momento em que um de nós accendia o terceiro em um mesmo phosphoro:

— Não, não, não! — repetiu.

— Porque? E' supersticiosa?

— Não... isto é, não sei se sou... Mas sempre que vejo accender trez cigarros no mesmo phosphoro acontece-me qualquer cousa desagradavel. Uma vez foi minha irmã quem soffreu um accidente, que esteve a ponto de lhe roubar a vida; outra, Charles, que ia pondo fogo em seu laboratorio; outra vez, eu, que me salvei por milagre, em um desastre de automovel... Por isso não gosto que o façam diante de mim. Isto e a côr verde são minhas maiores obsessões... Desafio-o a encontrar alguma cousa verde, aqui!

Volto os olhos. Com effeito, tudo é de uma côr similhante ao de seu vestido creme. Theda Bara ri nervosamente sentada em seu sofá, fumando. E' o primeiro riso da tarde e creio que foi o unico. Theda Bara quasi nunca sorri. Tem na vida a seriedade hieratica de um idolo e o encanto irresistivel de sua "Salomé", menos artistica, talvez, porem mais humana...

— Quando começa a filmar novamente?

Um encolher de hombros e a mão que segura o cigarro ergue-se com a palma para frente:

— Não sei. Já devia estar filmando, mas não gostaram do argumento por mim proposto. Dizem que não é attractivo.

— De que se tratava?

— E' muito simples: durante as caminhadas revolucionarias de Christo pela Terra, uma mulher de Galiléa atira uma pedra que fere o Salvador nas costas, a multidão de fanaticos persegue-a e ella foge para as montanhas, deixando um irmão, paralytico, que é tocado pela graça do Senhor e curado para sempre. O homem "ergue-se e caminha".

Mas a mulher, apezar de seu arrependimento, não pode voltar da montanha, temerosa de que o povo a arraste pelas ruas...

Passa o tempo. Christo foi crucificado e a mulher soffrendo remorsos incontaveis, desce ao povoado, onde se encontra com seus amigos, convertidos á nova religião. Então começa seu calvario, espantoso. Todas as casas a que chega para mendigar, vêem-se visitadas pela desgraça. Aqui morre o primogenito; alli desenvolve-se uma praga, que extermina os gados; em outra o patriarcha cahe ferido de morte inexplicavel. A inconsolavel mulher passa a ser considerada de "máu agouro"... E todos se reunem certa noite para matal-a.

Mas ha alli um homem, um ex-leproso, ao qual a mão divina de Jesus curou de seu horrivel mal e que se enamora perdidamente d'aquella infortunada, que todos repellem e insultam e á qual vão atirar ao rio, para pôr termo ás desgraças do povoado. Ella, á noite, em meio de seu desespero, reza e chora.

Finalmente no momento em que vai ser assassinada pela turba fanatica, o ex-leproso, salva-a e enfrenta a multidão, arengando-a com as proprias palavras de Christo: Amai-vos uns aos outros!...

E ahi está o argumento que não quizeram acceitar.

Na rua as luzes accenderam-se. Dentro, na penumbra, sentada sobre os ricos coxins, musulmanamente, continuamos a ouvir a palavra de Theda Bara, cujos olhos malevolos brilham na sombra, como devem ter brilhado os da mulher de sua lenda.

J. M. SANCHEZ GARCIA.

Segredos do marido

(Continuação da pag. 17).

durante o almoço, apenas, porem elle tirou a conclusão — o rapaz não prestava! E disse-o francamente a elle proprio, quando estavam a sós, obrigando-o então a uma confissão um tanto cynica:

— Si não consentisse no casamento de sua filha perderia seu tempo, pois dois mezes havia já que estavam casados!

E o cynico confessou tambem que não amava a moça, isso é, não se casára por amor e paixão, mas apenas para se salvar da bancarrota; mas estava certo de que o seu sogro, por amor da filha, havia de soccorrel-o, arranjando-lhe os quinhentos mil dollars de que a Hudson Investment precisava!

Mas, ao contrario do que esperava, Rex Brewster respondeu-lhe duramente. Elle prefere que a filha soffra agora, por pouco tempo, do que venha a soffrer em todo o seu futuro, ligada a um homem sem caracter. Recusa seu auxilio.

Mas eis que Owen faz uma nova revelação: — si não apenas pela filha, não queira amargurar a propria esposa, pois que elle... é esse filho tão chorado, esse filho que o pai levára. Contou então que seu pai, por motivos de... segurança, mudára seu nome, deixando de ser Pearce para se assignar Elliot...

Mas o espirito recto de Rex insurge-se. Deixar sua filha casada com um ladrão? Nunca!... Se fosse um homem de dever e de honra, deveria elle proprio reconhecer essa situação e em vez de levar duas vidas ao Calvario, cruciando o coração de uma mai e o de sua propria esposa, se fosse um homem de brio, deveria preferir a morte. E era isso tão facil... Não estava alli o precipicio, que dava para o mar, naquella mansão á beira do Atlantico, onde o millionario tinha o seu retiro de descanço?

Pela primeira vez Owen estremeceu. Uma corda até alli intangida agitou-se em seu coração. Sim... Elle tinha razão, mesmo porque, quando discutiam os dois, Judith chegára para dizer um segredo a seu marido, um segredo que a fazia enrubescer e ao mesmo tempo lhe circumdava a cabeça de uma aureola divinal — a da maternidade! Sim, elle devia morrer. E, pedindo ao sogro que jamais revelasse ás duas mulheres o que havia de verdade nelle, correu ao abysmo!...

Mas, pouco depois, já arrependido, Rex Brewster corria lá para baixo, em busca do corpo ensanguentado do rapaz...

***

Passado um anno vamos encontrar reunida a directoria da Hudson Investment, remodelada sob a direcção de Rex Brewster e agora uma das mais firmes organisações no genero. Julgavam o proceder de um dos seus empregados, que agira com leviandade e falta de honestidade. A pobre mãi do rapaz lá estava com elle, para protegel-o pedindo seu perdão. Alguns dos directores opinam pelo castigo, querem que elle seja entregue, a policia, mas um d'elles, o mais novo, é de opinião contraria.

— "Muitas vezes a mocidade é leviana, embora tenha caracter bom... Devemos dar-lhe opportunidade para se rehabilitar, pois que outros se tem rehabilitado, tendo commettido faltas e crimes bem mais graves!"

Rex Brewster, o presidente, apoiou a decisão do seu genro, pois que era Owen Elliot quem fallára. E, deixando a directoria reunida, foi tratar de outros negocios mais importantes... tomar o netinho ao collo e dar-lhe a mamadeira...

Pelos caminhos do Paraiso

(Continuação da pag. 25).

melhor! Por causa das duvidas, porem, vou já para casa. Adeus!"

Todavia, um dos apaches conseguiu ver o collar, avisou a quadrilha e seguiu o velho afim de ficar sabendo onde elle mora.

"A Rainha da Moeda Falsa" é encarregada de roubar o collar e vai para casa do velho Wing offerecer seus serviços como criada.

Sua belleza e seu ar de innocencia captivam William Wing que nunca esquece que no Livro do Amor, o primeiro capitulo é sempre o melhor.

Batem á porta e a nova criada vai abril-a.

E' o detective Callahan, encarregado de vigiar a casa durante o casamento de Ellen, a filha do velho Wing.

Ao ver a nova criada, que tantas vezes tinha encontrado em companhia dos apaches, Callaham exclama:

— "Estás tramando alguma, heim? Já te disse muitas vezes o que acontece a quem costuma sahir do caminho do bem e da honra!"

E a criada, em tom de quem realmente está arrependida, pretexta:

— "Sim! Costuma acabar mal! Mas agora garanto-lhe que estou seguindo seu conselho!"

— "Acredito" — diz o detective, — faze teu trabalho bem feito e verás como has de melhorar de sorte!"

Batem novamente á porta e a criada vai abril-a.

D'esta vez é Fred Frap, mais elegantemente vestido do que no dia da façanha no botequim "O Balde Cheio de Sangue". Entra lampeiramente e ao vêr a criada, affirma:

— "Sou um dos convidados!"

— "Sim" — diz Molly — "mas talvez ainda se lembre da "Rainha da Moeda Falsa!" Reconhece-me? E como tem passado o Sr. Inspector de Contadores de Gaz?"

— "Muito bem; mas agora mudei de profissão. Sou detective-amador!"

— "Um habil pandego é que você é! Quer associar-se commigo no roubo do collar de brilhantes?"

— "Não posso! Não faço sociedade com mulheres! São peiores do que um jornal fallado!"

Entra o velho Wing e Fred diz-lhe que é um dos detectives.

Durante a noite, tanto a criada como Fred tentam roubar o collar de brilhantes.

Mas cada qual só consegue atrapalhar o outro e Fred diz afinal á falsa criada:

— "Assim não atamos nem desatamos! O que um faz o outro desfaz! Não acha melhor fazermos uma sociedade?"

— "Não faço sociedades com homens" — diz Molly — "são uma especie de gazeta Viva! Fallam pelos "cotovellos"!

Fred insiste e finalmente ella acceita a sociedade com a condição do roubo ser dividido em partes eguaes.

E ambos conseguem distrahir o detective Callahan, roubam o collar de brilhantes e fogem em automovel para a fronteira, perseguidos pelo detective, que tem tempo para mandar avisar todas as Estações Policiaes para o auxiliarem a prender os fugitivos.

Em menos de meia hora, o automovel de Fred está sendo perseguido através de montes e valles, por mais de cem policias-motocyclistas que lhes fazem imponente cortejo.

Todavia, conseguem alcançar a fronteira, sem serem presos. Os policiaes, para evitar complicações internacionaes, voltam pelo mesmo caminho para os respectivos postos policiaes.

Molly, porem, diz a Fred:

— "Acho que estamos procedendo muito mal!"

— "Mas havemos de proceder bem, logo que vendermos estes brilhantes!"

— Não, o melhor é devolver a joia ao pai da noiva!"

— "Mas lembra-te da felicidade que estes brilhantes nos vão proporcionar... amor... casamento... independencia!"

— "Dinheiro roubado não traz felicidades!"

— "Queres devolver o que tanto nos custou obter?!!

— "Gostaria de ver o amavel velhote dar os brilhantes á filha!"

— "Então temos que voltar e ainda havemos de chegar a tempo, porque eu conheço todos os atalhos!"

Voltam para a casa do velho Wing, restituem o collar de brilhantes e Fred é acclamado o mais habil detective-amador do universo.

Jubiloso, Fred diz a Molly.

"Tudo correu bem! Agora vamos tratar do nosso casamento!"

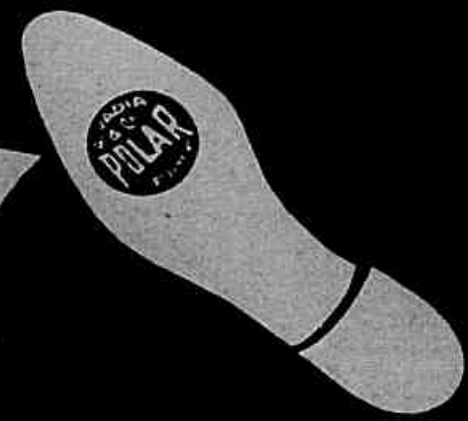
A trilha da vingança

(Continuação da pag. 27).

fossem seus camaradas culpados por sua sorte, John chega finalmente a Stonebridge e vai ter á Lanterna Verde, ponto de reunião dos forasteiros, logar onde nunca se fizera ouvir sequer o som longinquo de uma lei do mundo civilisado.

Alli, nos confins do Estado, John vai encontrar um antro dirigido financeiramente por Jake Willets, o dono da taverna, mas chefiado moralmente por Anna, a amante de Jake.

Quem visse aquella moça de physionomia sempre contrahida, parecendo uma vibora prompta a desferir o bote sobre qualquer mulher, que ousasse olhar para Jake, julgal-a-hia por certo uma d'essas creaturas más por instincto, perversas por temperamento. Mas quem fixasse com attenção seus traços ainda moços e os lindos olhos negros toldados por uma nuvem de melancolia, adivinhava nella uma victima da crueldade humana, pois Anna não passava de um joguete nas mãos experimentadas de Jake.

Desviára-a de casa e para elle, ella não fôra mais do que uma boneca, que o divertira emquanto as graças e a innocencia da mocidade a aureolavam de um ninho de candura. Depois esse animalzinho voluvel que é o homem, atirára-a para um canto como

um traste inutil, que já houvesse prestado seu concurso para o bem estar material do dono.

Foi o que observou logo ao chegar John Shefford, que, intelligente e perspicaz, seguiu Anna que ia em perseguição de Jake e chegou a uma casa isolada onde morava uma moça que o malvado estava procurando seduzir com promessas de casamento.

Emquanto Anna se empenhava em luta com Jake, procurando afastal-o d'alli, a pobre menina corria espavorida pela rua, indo encontrar, John que a poucos passos de distancia presenciava tudo.

Refugiando-se no abrigo seguro do peito forte de John, a linda moça desabafou com elle suas maguas, contando-lhe então toda a desdita da sua mocidade.

Achando uma certa analogia entre sua historia e a dos parentes, que procurava, John interessou-se logo pela moça.

Dias depois quando já se dispunha a partir foi avisado de que Jake levára a effeito suas ameaças e estava obrigando a indefesa creatura a casar-se com elle.

Dirigiu-se para a Lanterna Verde, deu a John uma licção severa e arrebatou-lhe a moça, levando-a comsigo e, quando elle se preparava para seguil-o Anna, fremente de indignação, tomou de um revolver e ameaçou matal-o caso elle a abandonasse.

Jake deu como resposta uma gargalhada cynica e Anna, reconhecendo emfim a sua misera condição de escrava, premío o gatilho, prostando sem vida o infame seductor.

John sabendo em caminho que a moça que elle conduzia e por quem já estava deveras enamorado, era a mesma Fay Larkin, que procurava e que fôra roubada a seu tio, partiu rapidamente para as montanhas a ver se conseguia ainda salval-a.

Foi, porem, perseguido pelos malfeitores do bando de Jake e só depois de muita luta, que elle agora reconhecia ter um fito mais elevado — o amor de Fay — desvencilhou-se de todos os bandidos, salvando com o auxilio de machinas apropriadas para escalar as montanhas, seu desventurado tio e a bôa Jane, poude emfim ser feliz ao lado da creatura amada.

O poder do amor

(Continuação da pag. 13).

não conseguindo porem senão grangear a inimizade do cunhado.

Seu noivado com Lael continuava, apezar da sympathia que elle já não disfarçava pela enfermeira e dama de companhia de sua mãi; passava muitas horas ao lado da velhinha talvez porque miss Lane estava tambem sempre junto d'ella.

Um dia elle a ouviu ao piano, tocando e cantando com voz muito meiga, essa voz que elle tão bem conhecia, uma das canções que Vida o fazia ouvir, lá no sul da França... Extranha coincidencia aquella...

Mas, como tinha de acontecer, chegou o dia em que tiveram de marcar o casamento de Gilly e Lael e então com espanto geral todos souberam que miss Lane queria se retirar. O medico que tratava a Sra. Eyre não quer consentir nisso pois as grandes melhoras da enferma eram devidas aos cuidados de sua dama de companhia. Gilly tambem interveiu, pedindo-lhe que ficasse.

Para ella seria o peior dos sacrificios, mas queria lutar até o ultimo momento. Esperava, que o casamento não se realizasse mas — ai, della! — chegou o dia marcado para a cerimonia! Nada mais pode obstar a consummação do acto, religioso....

Já o sacerdote pergunta si os nubentes "se casam por sua livre e expontanea vontade..."

Mas subitamente ouve-se um tiro, o estampido de um revolver! E verifica-se uma cousa tristissima. Phil, tendo recebido noticias aterradoras, sobre seus negocios, sobre as transacções feitas com o dinheiro de seu sogro, em petroleo, estourára a cabeça!

Interrompeu-se a cerimonia que foi adiada em virtude do facto luctuoso.

Talvez a mãi de Lael, que contava com aquelle casamento para endireitar sua vida cheia de dividas, não quizesse mais aquelle enlace com um homem agora arruinado... De facto dias depois Gilly recebia uma carta em que se desmanchava o noivado.

Passados mais alguns dias, Gilly vinha trazer a seu pai a noticia de que seus negocios iam melhor, pois os credores, — que haviam depositado seus capitaes na casa, capitaes de que Phil lançára criminosamente mão — tinham resolvido confiar na gerencia da casa, dando margem para serem levados a effeito novos negocios, que levantariam de novo o nome da casa.

Nesse mesmo dia o medico dizia que a Sra. Eyre ia muito melhor, graças aos cuidados da sua dama de companhia. Mas foi ainda nesse dia que Gilly, ao cruzar o hall, viu que miss Lane se retirava levando suas malas....

— Porque vai partir? Não permittirá que ao menos eu lhe diga agora o que sinto ha muito, agora que me acho livre e que tenho o coração transbordante de amor pela creatura, que me lembra a outra, a unica mulher que amei?

Vida, ouvindo-o, sentiu um prazer tão grande que não se poude suster em pé e cahiria se Gilly não a tivesse sustido nos braços, levando-a para um divan, no salão, onde logo foi ter o medico. Ella pediu que a deixassem a sós com elle... e, quando este deixou o salão, dirigindo-se á familia que o esperava anciosa, declarou:

— Não é nada grave, mas... o marido precisa de ser avisado

— O marido?...

A pergunta foi uma só, em todas as boccas. E Gilly sentiu que soffria immensamente. Era mais um sonho que se ia! Correu para ella. Queria saber a verdade Quem era esse marido? E como ella dissesse que não o tinha, elle, como se afastasse de si um pensamento duro, sacudiu a cabeça e murmurou:

— Pouco importa... Eu a amo assim mesmo...

E, fechando os olhos, em um movimento instinctivo que, tinha sido o seu por sete annos, com as mãos tacteou o rosto de moça. E, como Vida fazia sempre, naquelles deliciosos tempos da casinha do sul da França, quando chegava ao ponto em que dizia ter uma horrivel cicatriz, recuou o busto!

Aquelle movimento revelou tudo a Gilly. Alli estava sua Vida, a mulher que elle amava e que era sua esposa! Vida, que era a sua vida e seu amor! Vida, que era a mãi do seu filhinho, que estava para nascer.

Porque os maridos se aborrecem de casa

(Continuação da pag. 9).

Mas algum tempo mais tarde ella começou a notar ligeira alteração nos modos de John — ora uma distracção, ora um engano, ora uma fugaz intransigencia. Mas logo desapparecia, tão rapida, que ella chegava a duvidar — não seria imaginação sua?

Ainda no dia do primeiro anniversario de seu casamento ella pedira ao marido para irem a um cinema; elle não poz duvida, mas seu somno era forte. Ao se levantar do divan para sahir o cansaço foi maior do que a sua vontade e, pela primeira vez, elle se sentiu sem coragem para acompanhar a esposa.

A questão é começar... costuma-se dizer, com razão. Helene começou a se habituar a sahir sósinha, a dispensar a companhia do marido e tempos depois já achava muito natural andar em companhia de amigos, passar dias e dias em lindas praias, em elevadas cidades serranas ou admiraveis hoteis escondidos na floresta.

John Emerson não se comprasia com as ausencias repetidas e ás vezes prolongadas de Helene. Afinal sua vida já estava sendo, de novo, tomada pelos negocios. Do escriptorio voltava para casa, d'esta sahia pela manhã para o escriptorio... Só mudava esses habitos nas rapidas estadias da esposa em casa. Mas elle que anciava pela presença da mulher quando ella estava longe, logo que a via presente era o primeiro a desejar vêl-a passear. Um ligeiro enfado logo sobrevinha quando se encontravam juntos. Não era que não a amasse — mas sobrevinham logo pequenos factos, inconscientemente produzidos mas que o irritavam. Por exemplo: — elle mal conseguia lêr os jornaes socegado. Mal iniciava a leitura, a esposa vinha perturbal-o com perguntas, sentava-se a seu lado para distrahil-o com caricias, ou se lembrava de cantar, ou pôr a "Victrola" em movimento, ou queria que elle repartisse com ella o jornal que estava lendo. Esses incidentes não eram de vulto a fazel-o perder a paciencia, mas assaz penetrantes, e repetidos para que elle preferisse ter sua esposa longe de si.

John Emerson encontrava-se pois num momento difficil — diante de uma encruzilhada entontecedora e apezar de sua honestidade leal, o mais provavel é que se deixasse conduzir pelos acontecimentos para um caminho sempre mais afastado do da esposa. Helene, insensivelmente agia do mesmo modo — seu amor pelo marido tornava-se cada vez mais tenue.

Nada mais a prendia ao lar. Só um acontecimento violento, conseguiria despertar esse casal, sacudil-o do torpôr que o asphyxiava, dar-lhe mais alento. Se tal cousa se verificasse tudo estaria arranjado para o bem dos dois — mas ai d'elles se caso a vida continuar nessa calmaria.

Em um soberbo Hotel, magnificamente localisado á beira de um lago, as trez amigas discorriam sobre as virtudes dos maridos:

— "Já sei — dizia uma — a esta hora meu Charles sahiu ha pouco da fabrica. Deu dois dedos de palestra no Club e agora estuda em casa novos machinismos complicados. E' um horror! Tem o gabinete de trabalho atulhado de papeis de todas as côres e sempre desarrumados!"

— "Eu tambem sou feliz — commentava outra — William é um bom rapaz. N'este momento está em casa mergulhado num oceano de livros e papeis — sem duvida prepara o relatorio que tem de apresentar ao Governador do Estado. Dizem que é um dos braços direitos do Governo!...

— "E' possivel que tudo isso que vocêes acabam de dizar seja verdade. Eu tenho absoluta certeza, é de que John, a esta hora, já está dormindo socegadamente, e a sonhar commigo, disse Helene por seu turno. Naturalmente fez uma prece antes de dormir, pedindo que eu volte breve e invocando a divina protecção sobre mim. Coitadinho! Está tão só. Mas deverei ir perturbar seu trabalho? De certo que não, não acham?

Assim proseguiria a conversa se não chegassem os jornaes nocturnos da capital do Estado. As amigas lançaram-lhes, indifferentes, o olhar. Mas subitamente uma d'ellas soltou um grito — "Meu Deus!" Ella acabara de lêr que seu marido fôra preso por algumas horas por ter provocado, juntamente com outros rapazes e varias mulheres, enorme conflicto n'um cabaret. O choque produzido no animo das trez senhoras foi tremendo — aquella confiança que todas tinham, vacillou. Sem esperar por mais partiram. Só Helene se mantinha calma — John não fazia tolices.

No entanto elle n'essa mesma noite fez uma tolice, embora de fraca importancia. Sua secretaria parecia ser tão simples, tão gentil, que elle, cansado de tanto estar só, convidou-a para jantarem juntos e depois assistirem a um espectaculo. Do theatro sahiram para ceiar e, como não podia deixar de ser John teve que acompanhar a moça até a casa. Ao sahir, a moça lamentou-se da sua triste sorte e tanto o commoveu que elle, talvez não por mal, beijou-a. Foi uma rapida tonteira. Sem mais, John encaminhou-se para casa, disposto a dormir placidamente. Sua alegria foi grande e sincera com a surpreza de encontrar sua esposa em casa. Helene estava um pouco desapontada com a tardia chegada do marido. Mas depressa tal impressão desapparecería se não fosse uma mancha de pó de arroz no hombro de John, uma indiscreta mancha que exhalava um perfume compromettedor. Em conclusão: Helene rompeu com o marido. Dias depois estavam divorciados e John casava com a secretaria.

Havia porem uma creatura intelligente e bôa que velava; a avósinha de Helene. Experiente da vida, profunda conhecedora da psychologia humana, ella bem sabia que Helene e John se amavam. Acompanhara toda a marcha da existencia do casal. Para fazer dos dois entes queridos um par verdadeiramente feliz só havia que esperar uma opportunidade — aguardar a vinda de um acontecimento capaz de o fazer vibrar com intensidade e então dirigir as consequencias para um bom termo.

Servindo-se de um engenhoso ardil, ella tornou a entrelaçar as duas existencias e, o que era melhor, ensinou a Helene, já consciente, uma maravilhosa receita" para conservar o marido cada vez mais preso ao lar.

Ouro falso e ouro de lei

(Continuação da pag. 10).

gou a uma casa, quasi escondida pelos gelos do inverno, onde pediu abrigo.

Sendo bem recebido, passou a viver ali, em bôa harmonia com Hopeful Mason, que era o unico habitante da casa.

Decorreram os dias e, certa manhã, descobriram ambos que os rigores do inverno tinham levado a morte a um casal de trabalhadores que vivia noutra casa, perto d'alli.

Da tragedia salvára-se apenas uma creancinha de poucos mezes, que Neil e Hopeful tomaram logo sob os seus cuidados.

Um dia, porem, a creança adoeceu. Era precise ir á povoação, chamar um medico.

Neil promptificou-se a isso. Era, sem duvida, sua perdição, mas que importava isso, se se tratava de salvar um ente querido?

Por um momento, a esperança de tranquillidade renasceu-lhe. Foi quando Hopeful decidiu ir elle mesmo á cidade. Mas, no caminho, torceu um pé — e Neil teve de substituil-o.

Neil tinha comtudo a protecção do céo.

Na cidade, soube que não era culpado da morte de Jim Starke.

Fôra outro, quem traiçoeiramente o assassinára.

Assim, elle estava livre de toda a perseguição e novamente querido por todos os da localidade, até mesmo por Hopeful, que era o pai de Jim.

Como premio de suas desditas, Neil encontrou a felcidade ao lado da filha do medico do logar, com quem casou. E então passou a ser o rei do lar a creancinha que elle havia salvado da mais horrivel das mortes.

Amor salvador

(Continuação da pag. 8)

filha adoptiva que estava innocente.

O barão manda dar muita bebida a tio João para embriagal-o; este finge de facto estar sob a acção do alcool, mas em dado momento, desmascara o barão, relatando a culpa de Clara. Apavorado, o titular luta com o trapeiro e como este tombasse desfallecido, rebuscando-lhe as algibeiras, encontra a carteira que tinha sido de Jacques Didier, o pai de Maria. Então chama seus creados, e ordena que o entreguem á policia, como sendo o autor da morte, de Jacques Didier.

Terminado o incidente, Tio João deu queixa a policia contra Mme Pitard e a policia dando busca em sua casa, encontrou a creança, que foi entregue novamente ao tio João.

Desilludido, Henrique Barville, marca a data do casamento com Clara. Depois do apparecimento da creança, Maria fôra restituida á liberdade.

Finalmente chega o dia do casamento. O palacete regorgitava de fidalgos. E, quasi no momento da cerimonia, um creado diz ao barão que a casa está cercada pela policia. Immediatamente entra o trapeiro, acompanhado por Maria com uma creança nos braços. Tio João relata toda a historia e Maria entrega o bébé á sua verdadeira mãe. O espanto é geral, e ainda se descobre que o afamado barão não passa de um antigo trapeiro que se chamava Pedro Garousse, e foi o assassino de Jacques Didier.

Dissolve-se a elegnnte reunião, o barão é entregue á policia, emquanto Henrique Barville, dando o braço a Maria, segue caminho da felicidade.

OS PLEITOS DE BELLEZA

Alice Grumback, franceza de origem grega, que foi victoriosa no ultimo concurso de belleza realizado em França, disse, quando entrevistada pela commissão julgadora, que sua belleza epidermica lhe proveio do uso do Creme de Cêra Purificado de Soc. C. P. Frank Lloyd. Convem notar ser a França o paiz onde o culto á belleza está enraizado em todas as classses sociaes; bastando recordar que no concurso onde sahiu victoriosa a linda Alice se apuraram 2.758.343 votos, dos quaes coube á victoriosa Alice 1.533.421 !!!

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS GERAES

Grande sorteio de Natal e Anno Bom

2.000:000$000

DOIS MIL CONTOS DE RÉIS

Banco Pelotense

Pague-se por este Cheque ao portador

a quantia de

que levarão a n/ debito em conta corrente.

SERIE B

Bello Horizonte treis Outubro 1925

COMPANHIA LOTERIA DE MINAS GERAES

Cheque visado para pagamento
da sorte grande

Extracção em 5 de Janeiro de 1926

Bilhete inteiro 500$000

Meio 250$000 **Vigesimo 25$000**